

CONCEPÇÕES DA MATERNIDADE EM PROVÉRBIOS DA GUINÉ-BISSAU - ÁFRICA¹

Domiciano Marciano Lopes de Oliveira²

RESUMO

O presente artigo tem como tema as concepções da maternidade em África, especificamente os encontrados em Guiné-Bissau, no qual se discute a importância dos provérbios e a noção de maternidade neles contidos. Os provérbios expressam a filosofia e a espiritualidade das sociedades africanas que mobilizam conhecimentos que vão passando cotidianamente de uma geração para outra. Esses conhecimentos que os provérbios carregam reverberam as dinâmicas sociais, políticas e culturais dentro do continente. Neles, pudemos reconhecer a valorização da categoria “mãe” e também ideias de inferiorização da mulher. Os provérbios mostram a potência e a força da tradição oral na continuidade dos conhecimentos. Nesse ínterim, discutimos sobre a construção da categoria “mãe” em diálogos com o conceito de gênero e maternagem, e a noção mais alargada de cuidado, como cuidado social. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos a metodologia qualitativa, cujo objetivo foi buscar os significados atribuídos à maternidade nos provérbios em relação à construção da categoria “mãe”; com levantamento bibliográfico em livros de literatura, artigos acadêmicos, capítulos, monografias, teses e dissertações e por meio das conversas abertas com pessoas originárias deste país, para mapear os provérbios que conhecem ou dos quais se lembram. A pesquisa mostrou que a noção de maternidade ultrapassa uma ideia biologizada de mãe. Ela é mais ampla e compreende uma lógica de cuidado social, partindo de uma perspectiva endógena africana. Concluiu-se que a ideia de maternidade conceituada através dos provérbios revela que se trata de um conceito que não é trivial para referenciar a figura mãe, também não está isento de tensionamentos e de expressões de hierarquia, mas mostra uma noção muito mais complexa em que conhecimentos transmitidos pela oralidade atuam como formas de ensinamento e manutenção de valores socioculturais que as concepções de mãe carregam na sociedade guineense.

Palavras-chave: maternidade - Guiné-Bissau; provérbios africanos; tradição oral.

ABSTRACT

This article focuses on conceptions of motherhood in Africa, specifically those found in Guinea-Bissau, discussing the importance of proverbs and the notion of motherhood contained within them. Proverbs express the philosophy and spirituality of African societies, mobilizing knowledge that is passed down daily from one generation to another. This knowledge carried by proverbs reverberates the social, political, and cultural dynamics within the continent. In them, we were able to recognize the valorization of the category "mother" and also ideas of the inferiorization of women. Proverbs show the power and strength of oral tradition in the continuity of knowledge. In this context, we discuss the construction of the category "mother" in dialogue with the concept of gender and mothering, and the broader notion of care, as social care. For the development of the research, we used a qualitative methodology, whose objective was to seek the meanings attributed to motherhood in proverbs in relation to the construction of the category "mother." This research was conducted through a bibliographic survey of literature books, academic articles, chapters, monographs, theses, and dissertations, and through open conversations with people originating from this country, to map the proverbs they know or remember. The research showed that the notion of motherhood transcends a biological idea of mother. It is broader and encompasses a logic of social care, starting from an endogenous African perspective. It was concluded that the idea of motherhood conceptualized through proverbs reveals that it is not a trivial concept to refer to the figure of the mother, nor is it free from tensions and expressions of hierarchy, but shows a much more complex notion in which knowledge transmitted orally acts as a form of teaching and maintenance of sociocultural values that the conceptions of mother carry in Guinean society.

Keywords: motherhood - Guinea-Bissau; African proverbs; oral tradition.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Bas'illele Malomalo.

² Bacharel em Humanidades e licenciando em Ciências Sociais pela UNIAB. Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

“Mamé i firkidja de casa”³
“Tudo bedju k buna bedju, bu kana bedju tok buta mas kin ku labau rabada bedju”⁴

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado ‘Concepções de maternidade em provérbios da Guiné-Bissau’⁵ - África’ busca identificar as ideias centrais associadas à maternidade expressas em provérbios no continente africano, principalmente na Guiné-Bissau. A pretensão desse texto é situar as concepções da maternidade e contextualizá-la dentro de uma perspectiva endógena africana (Guiné-Bissau), como também, ao conceituar a maternidade através dos provérbios, enfatizar o papel da oralidade para mostrar as formas de ensinamento e valores socioculturais transmitidos de geração a geração.

O interesse em desenvolver um estudo focado na concepção de “mãe” e “maternidade” nos provérbios africanos justifica-se por motivo pessoal. Sou órfão desde os meus cinco anos de idade e fui criado por minha avó. No decorrer da minha infância e “adolescência”⁶, pude perceber a relação afetiva com a minha avó, que até o presente momento é identificada pela maioria dos meus colegas como a minha mãe biológica. Assim, o presente artigo tem como

³ “Mãe é alicerce (pilar) da casa”

⁴ Em tradução livre: “Por mais que você é velho, nunca vai ser velho na frente da pessoa que lavou as suas nádegas”.

⁵ Guiné-Bissau é um país que fica na costa oeste (ocidental) da África subsaariana e faz fronteira ao Norte com o Senegal, ao sul e Leste com o Conacri e ao Oeste com o oceano atlântico. A Guiné-Bissau tem oito (8) regiões: Bafata, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabu, Quinara, Oio e Tombali, mais o sector autónomo de Bissau (SAB). Atualmente, segundo <https://countrysometers.info/pt/Guinea-Bissau> o país tem uma população de 2.208.488, dos quais 1.094.620 são homens que correspondem a 49,6% da população e 1.113.868 são mulheres que correspondem a 50,4%. Pessoas de religião islâmica compõem 45,1%; seguido dos que professam espiritualidade africana com 30,9%; depois cristãos com 19,7%; e os que se dizem sem religião compõem 4,3%. Segundo o *Sexto Inquérito aos Indicadores Múltiplos MICS6*, (2019), 64,3% da população vive na zona rural e 35,7% na zona urbana. De acordo com MICS6 (2019, pag. 79), **os dados regionais para as taxas líquidas de frequência ajustada**, na **região de Tombali** 73% concluem o ensino primário, 4% concluem ensino secundário inferior e 2% concluem ensino secundário superior; **região de Quinara** 76% concluem o ensino primária, 4% concluem ensino secundário inferior e 3% concluem ensino secundário superior, **região de Oio** 51% concluem o ensino primário, 3% concluem o ensino secundário inferior, 1% concluem o ensino secundário superior; **região de Biombo** 75% concluem o ensino primário, 13% concluem o ensino secundário inferior, 7% concluem o ensino secundário superior; região de Bolama/Bijagos 74% concluem o ensino primário, 13% concluem o ensino secundário inferior, 11% concluem o ensino secundário superior; **região de Bafáta** 68% concluem o ensino primário, 5% concluem o ensino secundário inferior, 2% concluem o ensino secundário superior; **região de Gabu** 52% concluem o ensino primário, 3% concluem o ensino secundário inferior, 2% concluem o ensino secundário superior; região de Cacheu 80% concluem o ensino primário, 10% concluem o ensino secundário inferior, 5% concluem o ensino secundário superior; **SAB** 85% concluem o ensino primário, 20% concluem o ensino secundário inferior, 17% concluem o ensino secundário superior. As atividades econômicas predominantes do país são agricultura (castanha de caju, arroz, mancarra), comércio (dos produtos localmente produzidos - como a feira “lumo”), pesca e pecuária (suínos, gado).

⁶ Ressaltamos que, entendemos adolescência como uma demarcação de categoria estabelecida ocidentalmente. A idade nem sempre é uma forma de amadurecimento na vida ou um marco para entrada numa certa categoria. Muitas vezes, como acontece na Guiné-Bissau, país de origem do autor, podemos pensar num equivalente para a adolescência a partir das relações entre as pessoas e sua comunidade e os ritos de iniciação estabelecidos por ela.

objetivo analisar as noções da maternidade em África e as suas concepções a partir da identidade sociocultural de mãe, sobretudo em Guiné-Bissau. Partimos de algumas questões centrais que motivaram nosso estudo: uma mulher que não tenha filho biológico poderia ainda assim ser mãe na sociedade guineense? Como uma mãe é socialmente definida nessa sociedade?

A pesquisa que deu origem ao presente artigo foi realizada por meio da abordagem qualitativa, onde fizemos inicialmente o levantamento bibliográfico e nos fundamentamos em epistemologias endógenas africanas para qualificar nossa leitura do campo e discussão dos resultados. O trabalho consolidou-se metodologicamente como pesquisa bibliográfica abrangendo livros, artigos, monografias, teses, dissertações e outros materiais, com objetivo de aprofundarmos o conhecimento sobre o tema e ampliar o diálogo com a produção de pesquisadores que nos antecedem. Os materiais (artigos, resumos, palestras e conferências) identificados, em sua maioria, encontra-se em língua inglesa, razão pela qual realizamos a tradução livre do material para viabilizar sua utilização no trabalho.

Como forma de fundamentar ainda mais o estudo e fortalecer a discussão, buscamos levantar os provérbios que expressam concepções em torno da maternidade ou das mulheres, realizando a coleta de provérbios guineenses, uma vez que estes não foram identificados na pesquisa bibliográfica. A coleta dos provérbios guineenses foi empreendida utilizando a técnica da ‘bola de neve’ em que um conhecido levou a outro que poderia conhecer algum provérbio. Participaram dessa fase quatro pessoas e os provérbios foram contados em conversa no WhatsApp. Outra fonte de recolha dos provérbios foi o próprio pesquisador, em função de sua experiência e vivência na Guiné-Bissau. Do conjunto de provérbios identificados, foram selecionados onze para compor uma amostra de provérbios guineenses que revelam concepções de maternidade e de mulheres nessa sociedade.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, “Revisitando as concepções da maternidade à luz dos estudos de gênero e feministas”, fazemos uma revisão da concepção da maternidade em diálogo com as autoras feministas enfatizando sobre a categoria analítica do conceito da maternidade, de modo que buscamos trazer concepções sociais e culturais dentro dos estudos de gênero. Na segunda, abordamos a concepção da maternidade em África, em diálogos com autoras negras mostrando a importância da maternidade e discutimos a categorização de “mãe”, além da ideia de reprodução e de matrilinearidade. Na última seção, “A maternidade nos provérbios africanos de Guiné-Bissau”, apresentamos as raízes culturais da maternidade na Guiné-Bissau, levando em conta a noção de cuidado social e afeto. Nela, trouxemos alguns provérbios para ilustrar o conceito da maternidade, além de outros que retratam a inferioridade das mulheres.

Sabemos que os provérbios⁷ carregam um significado cultural enorme e, muitas vezes, de complexo entendimento. Para Ehondor (2017, p. 4), “os provérbios são ditos ou histórias destinadas a ajudar a aprendizagem – seja formal ou informal, familiar ou popular”. Assim, a mesma autora defende que

os provérbios são as joias da sabedoria, uma mistura de sabedoria e filosofia e que não discute sobre apontar ou explicar qualquer coisa; apenas nos diz uma grande verdade da maneira mais convincente e significativa, pelo qual, cunhado para transmitir conhecimento prático à humanidade, como também, é uma grande verdade com profunda pensamento e toneladas de experiência que reverbera na vida das pessoas, onde o proverbio se faz presente (Ehondor, 2017, p. 5).

Masuku (2020, p. 218) define o provérbio como “expressões filosóficas e morais resumidas em poucas palavras. [...], onde contêm sabedoria, verdade, moral e visões tradicionais de forma metafórica, fixa e memorizável, e são transmitidos de geração em geração. Os provérbios carregam a filosofia de vida e a cultura da sociedade e têm sido usados desde tempos imemoriais”.

Como explica Vitorino (2020, p. 1), cada provérbio se mostra, no seu dia a dia, nas manifestações de seu povo, como uma sentença moral que expressa uma verdade adquirida através da experiência de vida de uma comunidade.

O provérbio é, quase sempre, construído através de uma frase curta, capaz de fazer referência a diversas questões da existência do ser humano. [...] Os provérbios possuem inúmeras características, mas para o presente estudo, vamos considerar as mais relevantes, a partir do nosso olhar: a) lidam com relações lógicas; b) podem ser metafóricos; c) são anônimos, frutos da experiência de uma determinada comunidade (povo); d) possuem formas fixas, cristalizadas e recursos linguísticos que favorecem a sua memorização; e) refletem maneiras de pensar universais, verdades palpáveis de conteúdo moral ou prático e de veiculação popular que se reveste com uma aparente simplicidade, de componentes bastante diversos (Vitorino, 2020, p. 1).

Vitorino (2010, p. 2) mostra que “na maioria das culturas orais da África Negra, os provérbios constituíam-se em momento de grande privilégio para a transmissão de uma sabedoria tradicional”. Esses conhecimentos que os provérbios carregam reverberam nas dinâmicas sociais, políticas e culturais dentro do continente. Por estarem centrados,

⁷ Em referência aos provérbios, não delimitamos por grupo étnico, porque o levantamento para localizar a autoria étnica dos provérbios não só exigiria um tempo maior para a realização da pesquisa, como também poderia não resultar em dados que atendessem aos objetivos da pesquisa. Por isso, trabalhamos com alguns provérbios que são mobilizados de modo geral na Guiné-Bissau. No entanto, reconhecemos que as dinâmicas culturais entre os diferentes grupos são relativamente próximas, mas não são iguais. Da mesma forma, sabemos que alguns provérbios são mais utilizados em regiões urbanizadas, e outros não são em regiões islamizadas, por exemplo. Essa lacuna neste trabalho, sem o desqualificar, aponta para a necessidade de aprofundamento e ampliação de seu escopo em futuros estudos.

prioritariamente, em valores comunitários, os provérbios, de certa forma, apelavam para uma agilidade de espírito capaz de atualizar o conhecimento da experiência ancestral como também atualizar as epistemologias afrocentradas nas sociedades ditas ocidentais.

Na sociedade guineense, muitas vezes, os provérbios que exibem concepções sobre a maternidade mostram o quão é necessária uma junção entre irmãos “*ermons ta kumé na um cabaz*” para reforçar noções maternais (uma mulher pode não ter filho/a, mas o/a filho/a do seu irmão vai servir como filho/a para ela, sem esse entendimento de que não é o meu filho). Os provérbios maternais são enfatizados mais dentro de uma noção de afeto e cuidado com o outro, dentro de valores culturais que apresentam uma filosofia ancestral para entender a realidade da vida oculta, também a maternidade é entendida dentro de uma sociabilidade comunitária, de modo que as crianças são comuns dentro da comunidade, levando em conta a socialização maternal.

Segundo Barbosa (2019, s/p), “desde tempos imemoriais [os provérbios] fazem parte da cultura africana e representam, assim, um modo peculiar de ver o mundo através das palavras”. Em muitos deles, podemos reconhecer a valorização e concepções em torno da categoria “mãe”.

Os provérbios são utilizados para referenciar uma determinada identidade, os quais incorporam significados e memórias culturais baseados na oralidade, também expressam a filosofia e a espiritualidade das sociedades africanas. Desse modo, mobilizam conhecimentos que vão passando cotidianamente de uma geração para outra. Assim, Rogerio Andrade Barbosa (2019), mostra que

Os provérbios são expressões da sabedoria popular que apresentam algum ensinamento ou reflexão importante tanto para quem escuta como para quem conta. Nas culturas em que a tradição oral tem o espaço merecido, os provérbios ganham um espaço de representatividade muito grande, tornando-se, muitas vezes, uma fonte de orientação para a sociedade⁸.

Esses conhecimentos que os provérbios carregam reverberam nas dinâmicas sociais, políticas e culturais dentro do continente. Neles, podemos reconhecer a valorização da categoria “mãe” que reposiciona, de fato, as sociedades africanas como majoritariamente matrilineares, como argumentaremos mais adiante.

Ehondor (2017, p. 3) afirma que “os provérbios são as joias da sabedoria, uma mistura de sabedoria e filosofia” e traz ilustrações empíricas para mostrar as realidades sociais e

⁸ Do livro escrito por Rogério Andrade Barbosa, *A orelha vai à escola todos os dias* (Editora do Brasil, 2019). Disponível em: <https://www.editoradobrasil.net.br/orelha-vai-a-escola-todos-os-dias-a-proverbios-africanos-para-ler-e-refletir/>

culturais das sociedades onde eles circulam. A autora expõe que “o uso de provérbios depende de ilusões culturais, portanto, quando o elemento cultural não é compreendido, o significado essencial do provérbio pode ser esquecido ou perdido”. Dependendo do sentido atribuído e de uso do provérbio, podemos perceber que alguns provérbios vão ganhando outros sentidos, mas sem perder a sua referência anterior, isso mostra tanto a força da oralidade expressa nos provérbios e seu poder de circulação, instituição e mobilização de sentidos e ensinamentos, como também sua capacidade de transformação ao longo do tempo, como um portador de conhecimento vivo.

Ainda, Ehondor (*op. cit*) expõe que o “provérbio permanecerá atemporal de modo que continuará lançando luz para nos alertar contra armadilhas e mostre-nos o caminho correto” (p. 07). O uso dos provérbios, ademais, é capaz de mostrar a familiaridade com a língua e com as concepções de uma comunidade, também o proverbio faz parte da educação, porque é através da oralidade que os mais velhos ensinavam e esses ensinamentos nem sempre acontecem por meio das sentenças ou orientações diretas, mas sim, por meio dos provérbios, que faz você pensar sobre as mensagens que estão contidas nas palavras ditas. O proverbio é como uma das formas de análise de discurso ensinado pelos mais velhos, de modo que carregam enigmas a fim de dialogar com sentidos socioculturais. No sentido da maternidade, as mulheres (e a comunidade como um todo), acabam por entender os diferentes enigmas por causa dos provérbios, os quais reverberam suas grandezas, bem como ideias de inferioridade.

As concepções de maternidade não são estanques nem entidades fechadas em si mesmas, mas são produtos de construção histórica, ou seja, elas mudam de sociedade para sociedade e também dentro de uma sociedade, são categorias tensionadas e disputadas em meio a relações de poder, assim como aconteceu como a categoria de mulher ao longo da história, em que em determinadas sociedades e época elas ocuparam posições de poder e políticas significativas e, posteriormente, foram caçadas como bruxas, condenadas à fogueira como heréticas. Assim, a maternidade não deve ser vista através de uma reprodução sobre a fertilidade, isso acaba se reverberando sobre a concepção patriarcal de controle dos corpos.

2 REVISITANDO AS CONCEPÇÕES DA MATERNIDADE À LUZ DOS ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISTAS

Para falar da maternidade não podemos deixar de introduzir os estudos de gênero, pois sabemos que o conceito de gênero tem sido empregado para referenciar as desigualdades entre

homens e mulheres e também como uma categoria analítica que sustenta a interpretação das experiências e conceitos acerca da maternidade, da noção de mulher e de esposa, por exemplo, além de atribuir significado às relações de poder. Por conseguinte, Oyěwùmí, (2003, p. 3), afirma que

[...] centrar as experiências africanas de maternidade revela que a maternidade não é meramente uma instituição terrena: é pré-gestacional, pré-social, pré-natal, pós-natal e vitalícia. Precisamente porque não há equivalentes masculinos de responsabilidades maternas, a maternidade transcende o gênero. A paternidade não é seu equivalente. Como escrevi em outro lugar, as mães não são meramente mulheres. Não se pode enfatizar demais a noção de maternidade pré-gestacional; seu impacto imediato é aprofundar temporalmente e ampliar espacialmente o escopo da instituição”, por isso a noção maternidade ultrapassa a noção de “mãe biológico”, mas sim, a partir de uma perspectiva de cuidado e afeto, também, para teorias feministas, a maternidade não é uma questão reprodutiva e nem identitária da mulher, mas sim, de uma perspectiva de gênero além do biológico.

Scott (1995, p. 85), em seu trabalho inicial propõe que “o termo ‘gênero’ faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens”.

Scott (1995, p. 72) enfatiza que, “na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que torna possíveis distinções ou agrupamentos separados”. A autora afirma ainda que, “o termo ‘gênero’ também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos e também é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (Scott, 1995, p. 75).

Portanto, é importante pensar o gênero como uma categoria analítica que enfatiza a necessidade de desmistificar as categorias de relação de poder (masculinidade e feminilidade). De acordo com a análise da autora, podemos perceber como a relação de poder é construída através do essencialismo biológico, de modo que uma mulher deve ser vista dentro desse padrão essencialista da sociedade (fêmea, fertilidade e cuidar da casa), enquanto ao homem (macho) cabe o trabalho produtivo (assalariado) enquanto provedor da casa. Assim, Scott (1995), afirma que

As teóricas do patriarcado têm dirigido sua atenção à subordinação das mulheres e encontrado a explicação dessa subordinação na “necessidade” masculina de dominar as mulheres. Se a reprodução era a chave do patriarcado para algumas, para outras a resposta se encontrava na própria sexualidade. [...] A objetificação sexual é o processo primário de sujeição das mulheres. Ela liga o ato com a palavra, a construção com a expressão, a percepção com a efetivação, o mito com a realidade (Scott, 1995, p. 77).

Assim, podemos perceber que o destino feminino construído através da ideia biologizada de sexo esteve vinculado à maternidade, como se essa condição fosse algo determinado biologicamente e da qual a mulher não teria como fugir. Em uma sociedade de base patriarcal atribui-se à maternidade (reprodução/cuidado ou fertilidade) o papel principal da mulher, reforçando-se os estereótipos da mulher “mãe”. Nesse sentido, Oyěwùmí, (2003, p. 4) afirma que

Como tal, a mãe é representada como uma mulher antes de tudo, uma categoria que é percebida como subordinada, desfavorecida e oprimida porque as mulheres são subordinadas aos homens que são o grupo privilegiado. A generificação da instituição da maternidade leva à sua patriarcalização. Por sua vez, devido ao privilégio dos homens, os processos reprodutivos como o parto, a gestação e o nascimento, que não têm equivalentes masculinos, são apagados de muitos relatos feministas da maternidade. Dentro desse modelo patriarcalizante, a maternidade não pode ser entendida em si mesma, fora das lentes da opressão das mulheres. Com essa abordagem, a impotência e a falta de agência se vinculam por definição à maternidade. De uma perspectiva africana, o que é mais preocupante em muitas teorias feministas da maternidade é que o poder divino da mãe sobre a criança não é reconhecida como tal. Em vez disso, a mãe é vista como presa por seu papel como cuidadora principal, seu poder divino sobre seu filho e a autoridade isso lhe dá dentro da sociedade que não são reconhecidos.

Entendemos, contudo, que a maternidade não é a única forma de visibilidade ou realização feminina. Em certas sociedades africanas, por exemplo, a noção da maternidade ultrapassa a ideia de fertilidade e está vinculada às noções de cuidado e afeto. Nesse sentido, tem havido um esforço coletivo de desconstrução dessas ideias que foram estabelecidas às mulheres, no âmbito da luta política por poder tomar decisões sobre os seus próprios corpos. Scott (1995, p. 93) mostra que,

A natureza desse processo, dos atores e de suas ações, só pode ser determinada de forma específica, no contexto do tempo e do espaço. Nós só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que "homem" e "mulher" são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quanto parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas.

3 CONCEPÇÕES DA MATERNIDADE EM ÁFRICA – GUINÉ-BISSAU

A concepção da maternidade em África – Guiné-Bissau, vem sendo discutida por intelectuais e escritoras e escritores africanos nos últimos anos, com os quais buscamos entender

os valores socioculturais e religiosos em torno das concepções de maternidade, porque a maternidade na Guiné-Bissau, não é pensada só a partir da reprodução ou da fertilidade do corpo, mas sim como identidade.

Nesta perspectiva, Dominica Dipio (2019) traz reflexões sobre as práticas culturais que reverberam na ideia da maternidade. A autora nos mostra a concepção de matriarcado a partir da mutualidade e não como um sistema de dominação como o patriarcado agora exercido pela matriarca. Ao contrário, ela expõe que “os diferentes gêneros tinham seus papéis de modo que essa relação não se caracterizou pela dominância de um gênero sobre o outro, mas sim pela mutualidade” (p. 5). Essa mutualidade é de suma importância na sociedade africana, porque nela a reciprocidade é central. Com base nisso, podemos perceber que vários estudiosos questionam a noção de patriarcado como uma ordem hegemônica nas comunidades africanas e levam em consideração a questão do gênero para abordar as características das sociedades matriarcais. A figura materna nas sociedades africanas é uma das mais importante, levando em consideração a organização sociocultural delas.

De acordo com Lorelle Semley (2012), a maternidade se encaixa em termos de três aspectos: biológica, sócio-histórica e cultural/discursiva. Em diálogo com Anna Julia Cooper, que discute as noções de maternidade, Semley mostra a intervenção intelectual e a inovação de estudiosos negros no estudo da maternidade, gênero e história em que vários estudiosos da África Ocidental (Oeste) tentam diferenciar as posições de mães, esposas e irmãs. Assim, é necessário entender que a mãe na África Ocidental (Oeste) é tida como anciã pós-menopáusica (nos termos ocidentais) que tem uma relação de poder com o ser sobrenatural e não como esposas grávidas que muitas vezes ocupam uma posição de subordinação, embora a primeira esposa possa exercer alguma influência sobre as noivas subsequentes.

Dessa forma, é necessário pensar sobre diferentes comunidades africanas, onde a maternidade pública pode ser entendida como as mulheres exercendo sua influência política correlacionando com o seu papel de mãe biológica, como no caso da Guiné-Bissau, em que esses aspectos de maternidade pública atualmente têm repercussão na construção da sociedade. Por conseguinte, podemos destacar que a maternidade pública pode ser exercida por uma mulher que não tem filho biológico, mas que cuida dos outros mesmo que não exerça influência política, mas que tem esse status e força reconhecida na comunidade.

O termo “mãe pública” na sociedade Iorubá serve como uma parte do título oficial de mulheres sacerdotes e ministros reais, e nos nomes tanto de “bruxas”; quanto de mulheres divinas ou sagradas, ou seja, a noção de maternidade carrega vários e amplos significados. Nessa perspectiva, autora tomou emprestado o termo “maternidade pública” de Chikwenye

Okonjo Ogunyemi que é uma autora nigeriana pelo qual aborda as questões da maternidade africana (Ogunyemi *apud* Semley, 2012, p. 601). A autora vem distinguindo a mulher mais velha como mãe pública e a mais jovem como esposa, mostrando a importância das duas na comunidade. O termo maternidade pública de Ogunyemi concentra-se na metáfora e simbolismo da maternidade como base da autoridade das mulheres mais velhas. Também Semley destaca a autora Oyèrónkẹ Oyěwùmí para uma importante intervenção teórica ao diferenciar esposas e mães, a fim de explicar a peculiaridade do poder das mais velhas.

Para a autora Oyěwùmí (2003, p. 1),

A maternidade ocupa um lugar especial nas culturas e sociedades africanas. Independentemente de uma determinada sociedade africana apresentar um sistema de parentesco patrilinear ou matrilinear, as mães são o alicerce essencial das relações sociais, das identidades e, na verdade, da sociedade. Como as mães simbolizam os laços familiares, o amor incondicional e a lealdade, a maternidade é invocada mesmo em situações extrafamiliares que invocam estes valores.

Em seu entendimento, portanto, a mãe não é apenas a doadora da luz, mas, a maternidade está presente na criação, ela também é a doadora da vida, fazendo da maternidade uma vocação para toda a vida.

Oyěwùmí, citada por Semley (2012), mostra o quão é necessário diferenciar mãe e esposa na sociedade africana, de modo que, ela destaca a mãe como uma figura responsável (anciã) que cuida não só da casa mas sim da comunidade como um todo e responsável para resolver problemas da sociedade, enquanto a esposa está associada à reprodução e cuidado dos filhos.

Podemos perceber que, em uma sociedade patriarcal, quando uma mulher não tem filho, muitas vezes, não é respeitada e é marginalizada, mas quando se torna mãe ou tem filho, ela é respeitada e passa a ser identificada através do nome do seu filho. Isso nos faz pensar sobre essa dicotomia engendrada pelo patriarcado. Por que uma mulher na hierarquia patriarcal⁹ não pode ser respeitada sem ter um filho adulto?

Nesse aspecto, trago a relação com minha avó. Ela se chama Linda Mulapar. O apelido Mulapar foi atribuído a ela por causa da casa onde ela foi criada, mas seu sobrenome é Bassafim. Minha avó não tem filho/a do ponto de vista biológico, o que não a impediu de ser mãe e de ser reconhecida como tal na comunidade, porque ela cuida dos filhos/as dos seus/suas irmãos/as e dos outros conhecidos. Foi ela que criou a minha mãe até quando ela saiu de casa para o

⁹ A partir dessa lógica, podemos entender que a patriarcalidade tem uma noção de domínio e manutenção do poder sobre as mulheres, uma ideia que foi construída para descentralizar os poderes femininos nos espaços de tomada de decisões, levando em conta o princípio de inferiorização da mulher.

casamento. Quando minha mãe faleceu, ela pediu ao meu pai para continuar a cuidar de nós. Ela cuidou de mim até quando saí da Guiné-Bissau e até hoje mantém seus cuidados comigo. Ela sempre dizia “prefiro não comer, mas vocês não vão ficar com fome”. Trabalha dia a dia para conseguir nos alimentar. Isso me faz pensar sobre a maternidade, em consonância com o diálogo com as autoras que estudamos, não como condição biológica, mas como uma identidade reconhecida socialmente e partilhada em comunidade, atribuída a quem cuida de quem quer que seja, todos os meus colegas chamam minha avó/mãe de “*mame de Dó*”. Sinto orgulho dela e continuarei a senti-la como mãe.

Como é apontado na literatura (Kramer, 2006), o termo *maternagem*, ao ser associado ao ato de cuidar, nutrir e ao afeto, dentro da ideologia patriarcal e de masculinidade, foi mobilizado para a desvalorização das mulheres e seu trabalho, como aconteceu com as professoras da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, com importantes consequências sociais, simbólicas e materiais. Ao mesmo tempo, desqualificando as mulheres que não têm filho como “estéreis” e improdutivas, continuando com a marcação dos corpos das mulheres a partir do essencialismo biológico. A discussão se estende também para a cadeia associativa entre mulher, mãe, reprodução e esposa, amplamente debatido pela crítica negra feminista.

3.1 RAIZES CULTURAIS DA MATERNIDADE NA GUINÉ-BISSAU

A maternidade é um dos grandes suportes cultural e social nas sociedades africanas, principalmente na sociedade guineense, em que as mães são respeitadas em suas comunidades. Na Guiné-Bissau, com frequência, a mãe é responsável pela educação escolar e sustento dos filhos e da família. Sob o ponto de vista de Mendes (2017), a maternidade na África é tida como uma forma de riqueza e ela não significa uma posição de inferioridade com relação aos homens, mas sim como uma figura central da sociedade africana. A autora mostra que no período pré-colonial, as mulheres africanas tinham acesso à terra e exerciam papéis importantes na vida política e religiosa de suas comunidades. No entanto, o colonialismo afetou as dinâmicas culturais em África e introduziu uma política excludente em que a divisão do trabalho impedia a circulação efetiva de bens e serviços das mulheres nas comunidades rurais onde passaram a ocupar um papel primordialmente doméstico. Ainda assim, há que se considerar que o doméstico nesse caso não tem a mesma configuração ocidental, portanto, não significa apagamento do papel relevante das mulheres nas sociedades africanas.

O trabalho do cuidado associado às mulheres, ocidentalmente, é desqualificado e invisibilizado, por isso, a noção da maternidade não só tem sido restringida à reprodução e à fertilidade, mas também ao cuidado. O cuidado nessa concepção de “maternagem” é concebido como produto do trabalho produtivo no modelo capitalista de produção e sociedade. O trabalho de uma mulher que cuida da casa e do filho não é visto como o de um homem que exerce um trabalho remunerado, ainda que saibamos que para que esse homem consegue trabalhar, é preciso o cuidado resultante do árduo trabalho de mulheres, muitas vezes mal remunerado ou assalariado.

Importante ressaltar que não estamos a colocar essa noção de cuidado como uma obrigatoriedade para as mulheres, caindo em um essencialismo oposto, mas destacamos que essa é uma construção colonial do patriarcado, a de que a mulher tem que cuidar da casa e ficar dentro desse ciclo de cuidado, enquanto o homem tem que exercer um trabalho produtivo “capitalista” para manutenção da casa, isso acaba invisibilizando o trabalho do cuidado.

Dentre esses aspectos, Silvia Federici (2019) enfatiza que “isso que você chama de amor eu chamo de um trabalho não pago”. A autora mostra que “a dependência das mulheres em relação aos homens na comunidade servil estava limitada pelo fato de que, sobre a autoridade de seus maridos e de seus pais, prevalecia a autoridade dos senhores, que se declaravam em posse das pessoas e da propriedade dos servos e tentavam controlar cada aspecto de suas vidas, desde o trabalho até o casamento e a conduta sexual” (Federici, 2019, p. 52).

Semley (2012) destaca que é de extrema importância entender que o corpo material da mãe pode ser definido de maneiras variadas, pelo qual é necessário compreender os discursos culturais que definem as mães em diferentes contextos históricos. A esse respeito, Akujobi (2011) nos mostra, a partir de seu estudo das literaturas africanas, como a maternidade é o único elemento em que o valor de uma mulher pode ser medido e nos alerta que é necessário questionar essa ideia que, em muitos casos, leva ao constrangimento de mulheres que não têm filhos. A autora nos adverte ainda que o patriarcado atua na desvalorização dessas mulheres, pois “patriarcados podem facilmente implantar noções de maternidade para promover tradições” (Akujobi, 2011, s/p) e apoiar a ideia de “Mãe é ouro” para desrespeitar uma mulher sem filho.

Dipio (2019) nos mostra a concepção de matriarcado¹⁰ a partir da mutualidade e não como um sistema de dominação como o patriarcado, exercido pela matriarca. Ao contrário, ela

¹⁰ A matriarcalidade não é oposto do patriarcado, mas é uma forma de organização social baseada na família e grupos sociais, onde as mulheres têm, por direito e reconhecimento social, poder na tomada de decisão dentro da

expõe que “os diferentes gêneros tinham seus papéis de modo que essa relação não se caracterizou pela dominância de um gênero sobre o outro, mas sim pela mutualidade” (Dipio, 2019, p. 5). Essa mutualidade é de suma importância na sociedade africana, porque nela a reciprocidade é central. Com base nisso, realça que vários estudiosos questionam a noção de patriarcado como uma ordem hegemônica nas comunidades africanas e levam em consideração a questão do gênero para abordar as características das sociedades matriarcais.

Akujobi (2011), traz a ideia de auto-sacrifício de modo que enfatiza a centralidade da maternidade na África, que muitas das vezes a sociedade conceituam a maternidade como um símbolo, que esse simbolismo nacionalista é tido como uma forma de mobilização de sentimentos patrióticos, por isso Camara Laye e Senghor citado pelo Akujobi parte da ideia de amor pela mãe no continente africano que é dotado de Mãe é Ouro. Com base nisso, reverbera a ideia de Diop sobre a glorificação da mãe e o reconhecimento do poder que centraliza a maternidade na sociedade africana. Segundo Barbara Christian (1982 *apud* Akujobi), mostra que, a experiência da maternidade é uma história não escrita, na qual, afirma a centralidade da mãe, que a história está apenas começando a ser contada e esta história para interrogatórios cristãos lutas das mulheres para se tornarem “tudo o que podem ser”.

Portanto, John S. Mbiti (1970 *apud* Akujobi (2011), “reconhece que o conceito da mãe é uma das questões central para a filosofia e a espiritualidade africanas. Por outro lado, debruça que a maternidade é um estado alegre e privilegiado para a mulher porque na gravidez, a mulher se apresenta sua maturidade e diz que a mulher “brilha e brilha” também recebe tratamento especial, especialmente do marido e da sogra. Não importa as habilidades, os desejos e talentos de uma mulher, sua função primordial é a da maternidade, pelo menos na África”. Maternidade na África tradicional é uma das coisas sagrada é vista como um papel de doação e de poder com os Deuses, por isso toda a mulher é incentivada a se casar e ter filhos, isso mostra a sua feminilidade. Por outro lado, essa ideia de maternidade é crítica em algumas sociedades africanas, “que não há pior infortúnio para uma mulher que não tem filhos”. Entendemos a importância da maternidade, mas não deveria ser uma coisa que é vista em muitas sociedades africana como incompletude de uma mulher, tem mulheres que muitas das vezes querem ser mãe, mas não tem como ter, como diz no crioulo guineenses “Ika tene bambaram” nunca uma mulher não devia ser menosprezado ou desrespeitado só por falta de não ter filho, mas sim, devem ser respeitadas, O. Austen-Peters disse “que é hora de a mulher rejeitar imagens negativas”.

sociedade, de modo que a matrilinearidade não implica em desqualificação do lugar social do homem na comunidade.

Onsueka J. Chinweizu (1990 *apud* Akujobi (2011)), fala sobre o poder das mulheres, que para ele, a mulher explorou sua superioridade biológica e consolidou seu poder assumindo o papel de mãe, cozinheira e enfermeira no lar. Isso demonstra algumas utopias que é destinado a mulher, mas as mulheres devem romper essas barreiras do patriarcado. Nesse interim, mostra que, alguns críticos da literatura africana acreditam que a ideia da “Mãe África” é encontrada na literatura masculina que é uma estratégia para silenciar as mulheres de forma que as maiorias das escritoras não aceitam esse silenciamento. Dentre essa ideia Molara Ogundipe Leslie (1994, *apud* Akujobi, 2011, p. 4),

[...] sugere que a primeira tarefa é a desmistificação de certos estereótipos masculinos da mulher como deusa ou como Mãe Suprema, abnegada e sofrendo voluntária e silenciosamente. Ela diz que as mulheres não devem abraçar completamente a imagem da mãe fértil da nação, uma imagem que os escritores africanos do sexo masculino ajudaram a divulgar. É geralmente aceito que “Mãe África” pode ter sido declarada livre, mas as mães da África permaneceram manifestamente oprimidas.

Ademais, Akujobi (2011) nos mostra que em várias literaturas africanas a maternidade é a única coisa em que o valor de mulher pode ser medida. É necessário questionar essa ideia, porque na maioria das vezes leva o constrangimento as mulheres que não têm filhos. Por outro lado, o patriarcado influencia na desvalorização dessas mulheres, muitas das vezes “patriarcados podem facilmente implantar noções de maternidade para promover tradições” apoiam a ideia de “Mãe é ouro” para desrespeitar uma mulher sem filho.

Nessa perspectiva, é necessário falar sobre a importância da terra para as mulheres, que muitas das vezes é mais comum para as mulheres mães. Assim, a autora traz um exemplo do “Iyuku em Estakor (oeste do estado de Edo)” para mostrar as diferentes rituais e práticas que as mulheres têm que fazer durante o período de gravidez, que na maioria acontece na primeira gravidez, a fim de demonstrar para a comunidade a sua aliança com a terra, essas mulheres têm que passar pelo ritual de circuncisão e o sangue da circuncisão serve como uma aliança com os seus povos.

Mbiti (1970 *apud* Akujobi, 2011), “reconhece o poder no sangue que ele diz que liga o indivíduo à terra e, conseqüentemente aos defuntos da sociedade”. Por conseguinte, a mulher deve passar por um outro ritual que é conhecido como “Estakor” onde ela vai demonstrar o sinal de compromisso com a maternidade. Neste ritual, “um lado do dente da mulher deve ser cortado com o martelo local e é para mostrar ao mundo que a mulher é casada e que ela está experimentando com sucesso a maternidade” isso implica que toda mulher dessa comunidade deve passar por ritual para que possa provar que está preparada a ser chamada como mãe.

Uma mulher nessa comunidade, caso venha a desconsiderar esse ritual, poderá ter sua decisão interpretada como excluindo-se de um aspecto espiritual muito importante. Esse ritual é um sinal de aceitação em “*Iyuku*”, em que as mulheres têm orgulho de passar por ele, de modo a considerar essa experiência como um privilégio social e cultural. Com isso, é necessário questionarmos certas atitudes ou rituais praticados dentro de uma sociedade assentada no patriarcado colonial europeu. Será que essas práticas acontecem com os homens da mesma forma que acontecem com as mulheres? Essas práticas vão continuar a permanecer a fim de fazer com que as mulheres possam a ser subjugadas? Qualquer que sejam as respostas, no entanto, nenhuma intervenção ou compreensão (sobretudo ocidental) externa às próprias mulheres dessa comunidade devem ser imputadas às suas experiências culturais, sob novo risco de colonizar suas experiências identitárias e culturais sob a alegação de qualquer prática salvacionista ou de direitos humanos universalizantes. A partir dessa lógica, entende-se que, dentro de uma sociedade patriarcal, os homens buscam preservar o poder para continuar a subjugar mulheres e mantendo-as à margem das decisões.

A maternidade é conhecida na literatura africana como uma forma de carregar muitos poderes e histórias. Nas sociedades africanas¹¹ não é incomum que a mãe seja responsável pelo cuidado e educação da criança “a mulher-mãe torna-se importantes para o desenvolvimento e manutenção essenciais da comunidade” (Akujobi, 2011, p. 7). A maternidade também pode ser pensada não só pelas mulheres que têm fertilidade, mas sim por toda a mulher que faz a função de uma mãe. Na sociedade guineense uma mulher “mãe” pode dar luz a um menino, mas quem cuida da criança pode ser uma mulher que não tem filho, muitas das vezes essa mulher quer ter filho, mas não tem como ter. Essa mulher não pode ser desrespeitada porque não tem filho e até ela pode não querer ter filho, mas sim cuidar dos filhos dos outros. Será que essas mulheres merecem o desrespeito na comunidade?

Também a autora (*op. cit.*, p. 07) aborda sobre “as mulheres idosas que estão acima da idade do parto e nutrir (dar luz ou reprodução sexual)” onde enfatiza que essas mulheres são reverenciadas e temidas, porque possuem certos poderes na tomada de decisão dentro da comunidade. Na sociedade guineense, essas mulheres na maioria das vezes se juntam à

¹¹ De acordo com a pesquisa, referenciamos a sociedade guineense, de modo que, afirmamos sobre o assunto, sabendo que, tem pouca literatura sobre o tema a ser abordado, assim, dialogamos com base nas experiências e vivências dessa sociedade. Afirmar categoricamente “a maioria das sociedades”, sem nenhuma referência empírica pode parecer vago ou algo abstrato, mas, é necessária uma afirmação para referenciar um determinado assunto. A expressão sociedade africana é muito abrangente e, de certa forma, homogeneizadora tendo em vista a imensa diversidade de experiências, cultural, histórica e geográfica existente em África, no entanto, uso essa expressão, em diálogo com autores como (Cheick Anta Diop, Valentin Yves Mudimbé e Elikia M'Bokolo) para exaltar mais a comunalidade entre os povos da África etc, mas não tomando a África como uma categoria essencializada e fixa no tempo e na história.

comunidade em todos os momentos, porque o poder atribuído é de cuidar da comunidade em todas as circunstâncias (ajudar as meninas a dar luz, ajudar a comunidade sobre as suas espiritualidades e fazer com que a comunidade seja unida) essas mulheres podem não ter filho biológico, mas vão ter poder de decisão e do cuidado com a comunidade.

Na sociedade guineense, mulheres mais velhas são responsáveis por cuidar das gestantes no momento de parto. Qual seria, nesse contexto, o reconhecimento social dessas mulheres mais velhas? A ideia de um corpo não produtivo, estéril pela idade e ocupando um lugar social marginal parece não ser condizente nessa experiência.

Acrescenta-se que essa pergunta marca o princípio da construção desse trabalho, levando em conta as realidades socioculturais africanas, em específico da Guiné-Bissau, de modo que essas mães (mulheres que não tem filhos biológicos), constroem laços afetivos e de cuidado com filhos da comunidade, o que confere a ela a condição de mãe nessa comunidade. É a comunidade, portanto, que reconhece a maternidade a essa mulher. Dentro da comunidade essas mães são socializadas para entender que não é só a partir da reprodução (parto) que elas podem ser chamadas de mãe. Na socialização guineense, a criança numa comunidade é considerada como filha da comunidade.

4 A MATERNIDADE NOS PROVÉRBIOS AFRICANOS DE GUINÉ-BISSAU

Nesta seção, apresentamos provérbios africanos identificados em Guiné-Bissau, que mobilizam a noção da maternidade.

1. *Mamé i firkidja de casa: a mãe é o suporte da família.*

Esse provérbio é um dito comunitário que se refere às mulheres, para mostrar o quão é importante a figura materna. Sem uma (mulher) mãe, a casa não tem sentido (não faz sentido uma casa sem mãe). Na maioria das vezes, é dito quando uma (mulher) mãe saiu de casa e deixar os familiares, de modo que, aquela casa não vai continuar ser o mesmo sem a presença da mãe.

2. *Fidju nunca padido trás disi mamé: nunca o filho nasceu na ausência da mãe.*

Mostra que toda a mãe sabe se o filho é dela ou não, mesmo se fosse escondido ou tirado de perto dela. É uma forma de mostrar que sem uma mulher não vamos ser o que somos hoje. Também esse provérbio afirma sobre a relação de maternidade.

3. *Abo i nha ponta de tripa: fui eu que lhe pariu.*

Esse provérbio é dito pelas mulheres a fim de ilustrar a sua grandeza para o/a seu/sua filho/a e mostrar que ele/a não pode se distanciar dela e tem que cumprir a sua decisão. Muitas das vezes, é dito quando uma criança não obedece a ordem da mãe.

4. *Sibu ka tene mamé buta mamá dona:* *quando uma pessoa não desfruta da mãe pode desfrutar da avó.*

Um provérbio popular, dito pela comunidade. Mostra a importância da figura materna para uma criança, de que a maternidade vai além da reprodução, mas sim do cuidado e afeto. Avó materna ou paterna pode fazer o mesmo na ausência da mãe. Uma criança nunca fica sozinha.

5. *Bianda sabi kata tarda na cabaz:* *uma boa mãe (pessoa) não demora no mundo.*

Esse provérbio ilustra sobre a passagem rápida de uma pessoa na comunidade (do mundo físico para o mundo espiritual), pode ser dito ou referenciado pelas mulheres e pelos homens. Na maioria das vezes, é dito quando um/a homem/mulher vem a falecer.

6. *Padida de dus mamá:* *a mãe que não se preocupa somente com o seu filho, mas qualquer que seja o filho.*

Provérbio dito para elogiar uma mãe que, independentemente do seu filho biológico, cuida e trata as demais crianças sem se diferenciar ou fazer distinção. A comunidade inteira reconhece essa mulher como uma mãe da comunidade.

7. *Santchu kata djukuta i fika si rabo tras:* *uma mulher nunca deixa o/a seu/sua filho/a para trás.*

É um dito referenciado para ilustrar a concepção da maternidade, de que nenhuma mulher deixará de cuidar do seu/sua filho/a, mesmo que não esteja junto dele/a, o amor materno é incondicional. Uma mãe cuida dos filhos todos os dias sem ele/a perceber que está sendo cuidado. É um provérbio que é dito quando uma mãe não está presente com os filhos, os mais velhos trazem esse dito para mostrar que a sua mãe continua cuidando dele/a espiritualmente.

Em Guiné-Bissau, é comum que os mais velhos digam que “as mulheres devem ser respeitadas porque sem elas não vamos estar aqui presentes”.

Embora nossa recolha de provérbios tenha apontado, sobretudo, para provérbios em há a posituação da concepção de maternidade, há aqueles que explicitam concepções de inferioridade das mulheres, levando em conta o sistema patriarcal colonial que foi implantado nas sociedades africanas, como expressam os provérbios abaixo:

8. *Si mindjer bonita i papia si homi na dal bom trato:* *se uma mulher é linda é porque tem um homem que cuida dela;*

O provérbio se refere à inferioridade da mulher, como uma pessoa que não tem autonomia própria e que deve depender do homem para ser considerada na sociedade e como também para ser vista. Uma mulher não pode ter nada próprio se não for pelo seu marido. O provérbio é dito para exaltar o homem como provedor.

9. *Sintidu di Mindjer kurtu suma ponta de si mama: a inteligência da mulher é curta como a ponta do seu seio.*

Esse provérbio chama a atenção de más práticas cometidas por mulheres. É um dito comum que mostra a fragilidade de uma mulher perante uma situação, de modo que reverbera sobre a capacidade de entender os fatos e saber evitá-los. Na maioria das vezes é dito pelos homens, quando uma mulher comete um erro. De certa forma, a coloca em posição de julgamento e inferioridade.

10. *Mindjer ku ta tarda na casa de banho: o homem não pode demorar no banheiro igual a mulher, tem que ser mais rápido.*

O provérbio acima refere-se ao homem, mostra o quão deve ser ágil (fisicamente) o homem, porque a lentidão é características das mulheres. Os homens têm que tomar banho sem muita demora enquanto a mulher demora para ser limpa. Expressa ainda uma ideia de que a mulher pode ser mais suja do que o homem ou deve se preocupar em manter sempre a sua aparência limpa para os homens.

11. *Mindjeris ku padinu, mas eka bali: as mulheres que nos dão á luz, mas não prestam.*

Esse provérbio é dito para homens durante um problema que envolve as mulheres, pode ser por motivo de traição ou por ato que se considera condenável, cometida pela mulher, de modo que a sociedade lhe condena.

De acordo com os provérbios guineenses apresentados, é importante frisar que, na sociedade guineense, esses são provérbios utilizados de uma forma geral independentemente dos grupos étnicos e de classe social. Há provérbios específicos dos grupos étnicos, mas esses não foram objeto do nosso trabalho de campo, de modo que, trabalhamos com os provérbios mais comuns na sociedade guineense, sem uma especificidade de grupo étnico.

O provérbio dito guineense, leva uma pessoa a entender a essência do assunto, sem fazer outra pessoa perceber que está se referindo. Os provérbios ditos em crioulo guineense permitem que as pessoas compreendam a mensagem que uma pessoa quer transmitir ou um ensinamento sem ter de falar abertamente sobre o assunto. Muitas vezes, os provérbios são usados pelos mais velhos para ensinar ou comunicar aos mais novos que nem sempre entendem o sentido das palavras ditas, por isso, o provérbio é uma forma de ensinamento oral, que carrega as noções e

significados que é ensinado em qualquer lugar, sem um tempo determinado, para além da educação formal ocidental.

Os provérbios possuem significados que podem ser expressos através de símbolos, de modo que, uma pessoa que não sabe o significado, não vai entender o que está sendo dito, por isso, os mais velhos procuram sempre ensinar sobre os sentidos das palavras e suas representações simbólicas para que se possa perceber a que uma pessoa está se referindo.

Os provérbios também trazem consigo uma ideia sobre a cosmoperspectiva da localidade na qual estão inseridos. Podemos perceber que há provérbios similares nas diferentes sociedades, de modo que o sentido não muda radicalmente, mas, sim o contexto cultural que lhe dá significado. Um provérbio é, portanto, um produto cultural, de modo que os sentidos atribuídos dependem da cultura, do tempo e do espaço.

Para Goddard *et al.* (2020, p. 232), “os provérbios ensinam estratégias para melhorar a mente, o corpo e o espírito, e é esse poder que atrai as pessoas”. Os autores ainda afirmam que, “os provérbios africanos são tanto símbolos como formas; são reais e mágicos; exotérico e esotérico; eles são substância e essência. Os provérbios africanos são, portanto, a criação única de pessoas para quem o Espírito é Real!” (Goddard *et al.*, 2020, p. 238).

Vários provérbios analisados por Dipio (2019), nos fazem pensar a maternidade como uma identidade relacionada à agricultura ou alimentação. Desse modo, a mãe é um alicerce de qualquer que seja a sociedade matriarcal. Por outro lado, Dipio salienta que a mãe une os filhos através da comida e do afeto. O provérbio “o olho grande da mãe” (Ma’Di/ Uganda) é usado para referir-se “à visão e sabedoria de uma mãe em racionar cuidadosamente as provisões da família para garantir que todos sejam atendidos de acordo com suas necessidades” (Dipio, 2019, p. 15).

Isso mostra que a noção de mãe está associada à organização ou construção de uma comunidade africana em que os traços simbólicos do matriarcado na cultura, vêm a ser uma das coisas comuns nas sociedades africanas. A partir do exposto, podemos também pensar na sociedade guineense, em que a linhagem matriarcal parece ter mais força do que as construções coloniais do patriarcado porque, na maioria das vezes, o irmão ou irmã da sua mãe é que é responsável pelo seu cuidado em grandes rituais. No entanto, seu tio paterno pode assumir os cuidados quando da ausência do tio materno.

Nos provérbios trazidos por Dipio (2019) observamos não só como a mãe é sagrada na concepção africana, como também a reciprocidade do cuidado de um filho para a sua mãe:

“*A pele que serviu para a mãe carregar a criança servirá para a criança carregar a mãe*” (Mboshi/ Congo) e “*Aquele que leva qualquer coisa para sua mãe nunca diz que é muito pesado*” (Buganda).

A identidade materna estabelece-se, assim, nas relações sociais que não são simplesmente definidas, mas impostas e disputadas e, portanto, as condições de definição da identidade e de marcação da diferença, não podem ser desvinculadas das relações – assimétricas – mais amplas de poder. “Quem tem o poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade”, afirma Silva (2000, p. 99). Discursos e sistemas de representações constroem os lugares a partir dos quais as pessoas podem se posicionar como mães em determinadas configurações culturais em dadas sociedades e momentos históricos. Assim, não estamos a falar de nenhum suposto instinto materno, biológico intrínseco à constituição da maternidade. Preferimos o termo acionado por Collins (2019), “*maternagem*”, que evidencia não um substantivo, mas o movimento, o caminho, o processo, o ir se tornando, o devir ou o vir a ser. Nessa perspectiva, a idealização da maternidade, a sua romantização como uma fase natural da vida, a ideia de uma felicidade plena, do destino da mulher serão profundamente questionados.

De acordo com o jornal Nzeggu (2011-2012), no “*Jenda: A journal of Culture and African Women Studies*”

A ideologia da maternidade levanta a questão sobre se as características da maternidade podem ou não ser estendidas às não mães. Em outras palavras, a maternidade pode ser pensada como um verbo transitivo? Em suma, pode “mãe” tornar-se um verbo que descreve um conjunto de atividades em vez de apenas um substantivo que denota um papel ou sujeito específico? Ou a premissa básica da questão é equivocada em primeiro lugar? Se sim, por quê? (Nzeggu, 2011-2012, p. 02)

Essas perguntas, levantadas no *Workshop* a que se refere o artigo, expõem a complexidade da temática da maternidade, levando-nos a refletir sobre as dinâmicas socioculturais do cuidado com o outro, porque a concepção da maternidade em África, entre vários grupos, pode ser entendida a partir da lógica do cuidado e afeto, mas não através do nascimento de um filho.

Tendo em conta os fatores da colonização e da globalização, o patriarcado tornou-se uma forma de identificação dos demais termos para a configuração da maternidade. Assim, acaba por interferir na organização social dos povos africanos, como no caso de impor a organização familiar através da família nuclear como uma forma viável de organizar a sociedade. Esse modelo, no entanto, contrasta com as estruturas familiares tradicionais africanas, que muitas vezes priorizam a coletividade, a linhagem materna ou extensa e a cooperação comunitária na

criação dos filhos. Além disso, a imposição do patriarcado reforçou desigualdades de gênero, desvalorizando o papel das mulheres em sistemas pré-existentes que, em diversas culturas africanas, garantiam maior autonomia e participação feminina na esfera social, política e econômica. Alguns provérbios sobre a maternidade “mãe” na Guiné-Bissau, retratam a noção e valorização da mulher, independentemente da sua reprodução biológica ou fertilidade, mas sim, através da noção de cuidado social e afeto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva, faz-se necessário romper com concepções totalizantes e eurocentradas em torno da maternidade para que possamos adequadamente compreender as experiências que constituem muitas das comunidades africanas. Os modelos adotados com base no regime colonial patriarcal não nos favorecem como africanos, aliás, continuam a promover dicotomias e gerar conflitos em nossas sociedades, por isso, é fundamental conhecer os provérbios e entender como podemos seguir para frente sem corrigirmos os erros deixados atrás, tal como fundamenta o princípio do Sankofa¹².

Portanto, é necessário pensar a maternidade a partir de uma perspectiva africana endógena e não eurocêntrica, e atentar-se às demais formas de compreender a noção de mãe e o quanto a maternidade é importante na construção das identidades na sociedade africana e levar em consideração as formas de cuidado com o outro, sem pensar na reprodução “fertilidade” como a única forma de se identificar uma mãe.

Em Guiné-Bissau, é comum que os mais velhos digam que “as mulheres devem ser respeitadas porque sem elas não vamos estar aqui presentes”, e isso não só se refere uma mulher mãe, mas a toda mulher, principalmente as mais velhas. Esses ditos estão presentes nos provérbios deste há muito tempo e estudá-los é uma forma de conhecer a riqueza e a força da tradição oral na produção e circulação de conhecimentos em nossas sociedades.

Ademais, falar sobre a maternidade deve ser uma das nossas preocupações no continente africano, a fim de desmitificar as ideias construídas a partir de uma sociedade “branco” patriarcal e capitalista, em que recorrentemente mulheres são desqualificadas social, econômica

¹² “Sankofa é uma expressão na língua Twi de Gana cujo significado literal é ‘Volte e pegue!’ [...] Seu provérbio Akan correspondente é ‘*Se wo were fi na wosan kofa a yenkyiri*’. A saber, não é tabu voltar e pegar algo depois de ter esquecido. Mais literalmente, significa que se você esquece e volta para pegar, não há nada de errado com isso” (Fonte: <http://www.adinkrasymbols.org/symbols/sankofa/>).

e simbolicamente, tanto por meio de seu aprisionamento em categorias fechadas de (boas) mãe ou esposa, associadas à reprodução e à servilidade, quanto por meio de objetificações sistemáticas que ainda são reivindicadas politicamente em campanhas de extrema direita em defesa da família. Falar da maternidade é pensar fora da noção de família nuclear e de reprodução, mas, sim, dentro de uma realidade sociocultural. Em algumas sociedades ou grupos sociais, a maternidade ultrapassa a noção biológica da “mãe”. Principalmente na Guiné-Bissau, a mãe não é quem deu a luz, mas sim, quem cuida e esse cuidado não está colocado do ponto de vista individual mas coletivo, de modo que preferimos pensar no *cuidado social* para nos referirmos àquelas práticas culturalmente informados de manutenção do bem estar coletivo de uma comunidade, em que a mais velha participa do cuidado dos seus membros.

Esses ditos estão presentes nos provérbios deste há muito tempo e estudá-los é uma forma de conhecer a riqueza e a força da tradição oral na produção e circulação de conhecimentos em nossas sociedades. Afinal, “Sem os provérbios, o idioma seria como um esqueleto sem carne, sem corpo e sem alma”, como diz um ditado Zulu (Barbosa, 2019). Esse entendimento de que existe um significativo acervo de conhecimento africano em máximas e provérbios deveria assegurar sua inserção curricular sistemática em todos os níveis da educação.

REFERÊNCIAS

AKUJOBI, Remi. **Motherhood in African Literature and Culture**. Volume 13; Covenant University; 1 Edição, Artigo 2, p.1-10, março de 2011.

BARBOSA, Rogério Andrade. **A orelha vai à escola todos os dias**. Editora do Brasil, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo, Boitempo, 2019.

DIPIO, *Dominica*. **African motherhood proverbs and worldview: A matriarchal perspective**. Vol. 30.1 2019 (p.3-23)¹³.

EHONDOR, Beryl. **The concept of proverbs as a theoretical category in communication in Africa**. Janeiro de 2017.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Editora Elefante/Coletivo Sycorax, 2019.

¹³ Tradução livre realizada por Domiciano Marciano Lopes de Oliveira para fins de pesquisa de IC (agosto de 2022).

GODDARD, Lawford L.; ROWE, Daryl M.; MCINNIS, Erica M.; DELOACH, Song. **The Role of Proverbs in African-Centred Psychology**. *Alternation* 27,1 (2020) 224 – 243.

KRAMER, Sonia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e fundamental. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

MASUKU, Norma. Motherhood venerated in Zulu proverbs and folktales: The Africana-womanist approach. *South African Journal of African Languages*, (2020, 40:2, 218-222).

MENDES, Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior. **Configurações da maternidade africana em Yvonne vera: Em busca de novos olhares**. Seminário Internacional Fazendo Gênero; Florianópolis, 2017, p 1-12.

NZEGGU, Nkiru. Epistemologias Culturais da Maternidade: Refinando o Conceito Mães. *Jenda*. 2001-2002; (p 1-4).

OYEWUMI, Oyeronke. Abiyamo: Theorizing African Motherhood. *Jenda*, n. 4, 2003

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, 20 (2), jul-dez, 1995. pp. 71-99.

SEMLEY, Lorelle Denise. Public Motherhood in West África as Theory and Practice. *Gender & History*; Vol.24 No.3 November 2012, (pp. 600 – 616)¹⁴.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.); Hall, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença** [p. 73-102]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VITORINO, César Costa. **Provérbios Africanos em Tampas de Painéis de Barro, o Olhar Linguístico e a Sociologia das Emoções**. III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias; 08 a 16 de outubro de 2020, UFS.

¹⁴ Tradução livre realizada por Domiciano Marciano Lopes de Oliveira para fins de pesquisa de IC (setembro de 2022).